

Outras Páginas

Raimundo Girão

1 — OS DOIS ANTÔNIOS

Constâncio Vigil, poeta, jornalista e filósofo uruguaio, no seu admirável *Terra Virgem*, fala-nos da miséria que vem da esterilidade da terra e da Grande Miséria, que vem da esterilidade das almas e da dureza dos corações.

Há, de fato, almas e corações duros, que só vêm a si e não os outros, que não aprenderam a tirar algo de si para ajudar os demais. Não sabem senão o gozo da riqueza maior ou menor que acumularam e ficam frios, indiferentes àquelles que, por qualquer razão, não puderam ou não souberam juntar os vinténs, garantindo-lhes uma relativa isenção em face da pobreza.

Há ricos e pobres, porém nem sempre os ricos são realmente ricos e os pobres realmente pobres. Ser rico e repartir é que é a verdadeira riqueza, é sair da usura que é feito pecado e defeito, e não há de levar ninguém ao reino do Céu. Dividir, ainda que seja uma pequena parcela, é que justifica a legitimidade do rico, igualando-o ao pobre que, humilde, sabe suportar a pobreza.

Um rico assim, igual ao pobre assim, entra na faixa dos que não têm a alma e o coração duros. Um rico assim é o que sabe *dar*, e também mais rico ainda é o que sabe *fazer*, sempre visando ao auxílio dos que necessitam. *Dar* já é muito, e *fazer* em benefício alheio ainda é mais. Dar é um gesto de nobreza, fazer é uma atitude de santificação. Ambos, meios que merecem o elogio, às vezes a consagração por parte dos outros; ambos atingem o mesmo objetivo, mas o fazer santifica mais. Quem dá, tem a alma e o coração brandos; quem faz, tem macios a alma e o coração.

É o caso de dois Antônios de coração e alma aveludados: um rico de dinheiro, sabendo *dar*, num gesto dignificante; o outro, rico de pobreza nobre, sabendo *fazer*, numa atitude

que representa amor. O gesto do rico *criou*, a atitude do pobre manteve e produziu os frutos. Sem a dádiva daquele não teria sido possível o trabalho deste. O dinheiro dado de alma e coração abertos, espontaneamente, possibilitou acalmar os transe de muitos sofrimentos; o trabalho dedicado, em forma de abnegação, foi talvez mais longe e estancou as dores. Pecúnia saída de si para cair nas mãos estendidas vale um reconhecimento, tal como reconhecimento vale o serviço diuturno daquele que soube entregar-se ao desígnio de ser útil.

Um dos Antônios, o rico de coração e alma parecendo flores, foi Antônio Diogo de Siqueira, comerciante, industrial, capitalista, que soube construir com a honestidade, o gênio e a tenacidade, o patrimônio vistoso, e não se prendeu a este, antes o empregou no sentido do Bem. O outro Antônio, Antônio Alfredo da Justa, o pobre-rico, foi o que fez do dinheiro do primeiro aquilo que o dinheiro pretendeu realizar.

* * *

A Humanidade é um calidoscópio: muitas facetas, muitos reflexos, muitos aspectos, muitas venturas, muitas desgraças, muitas alegrias, muitas lágrimas.

Há os sadios, os meio-sadios, os doentes e os que se marcam, pelo destino, com o estigma das moléstias não raro incuráveis.

É preciso pensar muito para poder descobrir por que é assim a vida do Homem neste vale de clamores. E nem sempre se chega a explicar por que existem os felizes, os meio-felizes, os meio-desgraçados e os miseráveis de corpo e espírito.

Entre os desgraçados estão aqueles que têm o organismo invadido pelas enfermidades que só por si tornam o indivíduo um condenado ao exílio, ao afastamento, ao confinamento nos hospitais, nos sanatórios, nos leprosários. Enfermidades que são mais do que doença; valem uma condenação.

Entre estas está a lepra, que fere o ser humano desde os tempos bíblicos, marcando o dedo com o ferro do vapor, por parte dos outros, faz dele um réprobo, um banido. Uma doença-terror, que horripila e segrega, porque desconhecida a natureza do agente provocador.

E, então, o remédio era trazer o doente longe do convívio social, e até chegou ao ponto, muitas vezes, de considerá-lo um elemento mau, sujeito a desforços, a pedradas, amaldiçoado, renegado. O morfético era de fato um renegado, obrigado a usar um chocalho ao pescoço a fim de avisar de sua presença ou aproximação.

Até que, em 1874, o médico e botânico norueguês Gerhard Hansen descobriu o bacilo transmissor, podendo isolá-lo e dar margem a que fosse conhecido e combatido. Caiu a Ciên-

cia em campo e a pouco e pouco o quadro se modificou, e o leproso, em vez do cruel desprezo, passou a ser alvo dos cuidados médicos e do seu amparo e bom tratamento nos mais modernos leprosários de todo o mundo. O uso das sulfonas e outros medicamentos entrou em cena e amenizou o aspecto hediondo da morféia, e de tal modo que já é aceita a mentalidade de que o hanseniano nem deve mais habitar os lazaretos, pois que, com a medicação devida e adequada, estaria a sociedade bem protegida do contato infeccioso.

No Ceará — e a informação é do Barão de Studart, o primeiro caso de lepra verificado foi o de que era vítima um escravo vindo do sul do País. Mas outros se registraram, aqui e ali, de tal maneira que em 1899, sendo Inspetor de Higiene do Estado, pediu o Dr. José Lins da Justa a atenção do Governo para o incômodo problema. Os casos fixados não ultrapassavam de 20, porém de 1915 a 1920 o fichamento já anotava 120 enfermos. De 1932 a 1940, a Diretoria de Saúde Pública — o esclarecimento é de Pedro Sampaio — conseguiu anotar 1.280 deles. Surge a Sociedade Mantenedora e Protetora do Leprosário, a qual obteve recursos para estabelecer na chamada Colônia Cristina, em Canafístula, distrito do Município de Redenção, uma casa de leproso, no que foi parte decisiva a contribuição da mais alta valia do industrial e comerciante Antônio Diogo de Siqueira.

Antônio Diogo nasceu no Município de Itapajé, então denominado São Francisco da Uruburetama, em 1 de setembro de 1864, filho de José Diogo Vital de Siqueira e sua mulher Amélia Felicíssima de Siqueira. Casou-se com Elisa Vianna de Siqueira e teve prole numerosa e destacada na sociedade e nos meios econômicos de Fortaleza, onde desenvolveu a profícua atividade que o fez respeitado capitão de indústria e negociante de maior conceito. Eram suas as fábricas de tecidos Santa Elisa, Ceará Industrial e Santo Antônio e, de sociedade com Teófilo Gurgel, a Usina Ceará, de extração de óleos vegetais e preparo de sabão. Também obedecia à sua direção a Fábrica de Cigarros Araken. De vários outros empreendimentos mercantis era associado.

Não seria homem que ostentasse a postura dos ricos enfatuados, só com os olhos nos lucros e nas vantagens dos negócios. Antes, um rico de visão sadia que olhava para os necessitados com os olhos da solidariedade humana. Muito deu de si, e somente o seu contributo possibilitou a realização do Leprosário que tomou o seu nome, lhe daria lugar vistoso na consideração dos seus coestaduanos. Montou a máquina e a fez mover-se. Foi na verdade um grande Antônio.

Porém a máquina precisou de quem a movimentasse e não parasse, e eis que o fez, como bom maquinista, o outro Antônio — Antônio Alfredo da Justa, numa dedicação ad-

miravelmente apostolar. Um indormido, um devotado de todos os momentos e de todas as situações.

Nasceu em Fortaleza no dia 23 de outubro de 1881 e seguiu a carreira médica, tendo-se formado na Bahia, compondo a turma de 1905. Faleceu nesta Capital, de angina pectoris, em 7 de agosto de 1941.

Médico, foi mesmo médico e não traficante da Medicina: considerava o doente e não a paga da receita ou do tratamento. Ninguém o foi mais, assim. E todos proclamavam a sua maneira cristã e humana de ser médico.

“Desinteressado e cheio de abnegação — são palavras da notícia de um dos jornais da cidade, ao registrar o seu falecimento — esteve a vida toda voltado para os atos da benemerência, inteiramente estranho às ambições da fortuna e do renome, como se tivesse uma missão a cumprir. Quando não estava ali, dirigia-se para o Leprosário Antônio Diogo, onde continuava a sua obra de caridade e amor aos infelizes. O Leprosário foi a grande preocupação de sua vida e não se sabe como ele o sustentou melhor, se com as energias de seu coração boníssimo ou com os fulgores de sua grande cultura de notável leprólogo como foi conhecido e respeitado em todo o Brasil. A sua vida foi um exemplo de renúncia e altruísmo. Morreu pobre, havendo sido, durante 30 anos, um dos médicos de maior clínica de Fortaleza. Era imensurável a sua capacidade de ser bom”.

Não o atingiu nunca a grande miséria nascida da esterilidade das almas e da dureza dos corações, que pleno de bondade era a sua alma e o seu coração, sempre a lembrar o desprendimento empolgante e santo de um São Francisco de Assis. Ele não era dele, nem da sua família; era dos outros, de todos. E isto, desde que começou o exercício do seu mister de amor, até que a morte o carregasse.

Carregou o seu corpo, a sua presença material, sem contudo obstar que permanecesse viva e exemplar a notícia dos seus atos e de sua benemerência. Configurou uma santidade, um desses iluminados que, neste mundo de egoísmo e de ânsia do prazer, cada vez mais rareiam.

Bem disse o poeta:

“ANTÔNIO JUSTA

Este, sim, foi na terra o vero sacerdote
que, amando como um Druida, a virtude aplaudida,
fez da ciência e do bem um compassivo archote,
para guiá-lo através das misérias da vida.

E, cheio de bondade — esse divino dote
que só no coração dos justos tem guarida —
votou amor de pai, como não há quem vote,
à plebe sofredora, à pobreza esquecida.
E qual se não bastasse o sacrifício ingente
de combater a dor, modesta e heroicamente,
com o desdém da riqueza e a renúncia dos gozos,

— Expôs a própria vida, ao pé de cada leito,
encarnando a figura e os atos de um perfeito
São Francisco de Assis no meio dos leprosos.”

(Epifânio Leite)

O bom dinheiro e a boa ação juntaram-se e conquistaram
o Mérito.

2 — TONHO MAJOR

Chamavam-lhe comumente assim — Tonho Major. Antônio Eduardo Girão, filho do *Major* Eduardo Henrique Girão, mais conhecido por Major Eduardo, e daí a alcunha.

Era meu tio-avô. Tio legítimo de meu pai e de minha mãe, que entre si eram primos-irmãos. O Major Eduardo, da fazenda Paraíso, fizera-se pessoa da maior influência social e política do Município de Morada Nova, ocupando cargos de relevo e vivendo economicamente do pastoreio e da agricultura, inclusive a da cana-de-açúcar que moía no seu pequeno engenho puxado a boi.

Tonho, o antepenúltimo de seus rebentos, nasceu a 10 de setembro de 1877, ano em que também nasceu meu pai, a 3 de julho. Sobrinho e tio ligaram-se desde meninos pelos liames da mais espontânea e forte amizade e tiveram caminhos iguais no correr da existência, que terminou, para ambos, no mesmo ano de 1945, o primeiro a 15 de junho e o outro a 29 de setembro. Tiveram infância com os mesmos encantos e descuidadas travessuras, freqüentaram a mesma escola e trabalharam nas mesmas lidas campesinas. Em igual época se casaram, o tio com a prima irmã Felícia Amélia Carneiro e o sobrinho com a prima-irmã Celina Cavalcânti, de uma e outra nascendo o mesmo número de filhos. Felícia morreu no dia 4 de abril de 1922 e sete dias depois, no dia 11, faleceu Celina.

Tudo isso bem pode levar-nos a crer que há certos mistérios, ou muitos mistérios na vida da gente, a sofrer influências que recebem o nome de sorte ou destino. A paridade de

fatos na existência do Tonho meu tio e do Sousa meu pai contém motivos para tentar-se a indagação de como nós, os seres humanos, somos governados pouco por nós mesmos e muito pelos nossos zodíacos.

Mas uma coisa, para mim, sai daí, dessa semelhança de vida de meu tio e a de meu pai: a amizade que os unia serviu de base à amizade que eu devotei ao tio Tonho; vendo-o nunca o esqueci, aquele homem longelíneo, de boa altura, passos lentos, a voz fraca, rosto sem defeitos, cabelos que resistiram, até o fim, ao trabalho eliminante da calvície. Sisudo talvez, mas na verdade de maneiras cordiais, falando muito nas palavras medidas que pronunciava. Quanto aos filhos, não um severo demais, porém a agir sempre com o sentido do respeito e da disciplina que os filhos devem aos pais, quando filhos e pais sabem comportar-se como devem, para a harmonia de uma feliz educação.

A sua casa da *Floresta*, que ele construiu bem perto da do Açude Novo onde nasceu meu pai, eu a frequentei desde rapazinho, e ao lado dos meus primos sentia-me na contingência de seguir-lhe as advertências e os conselhos. Eu era, quando estava lá, um outro seu filho, e por isso um fato restou dominante — a minha admiração e o meu bem-querer para com aquele homem talvez austero, mas só na aparência, porque o que ele era um amigo que o sabia ser.

E havia, envolvendo isto, uma inspiração benfazeja — a minha tia Felícia, a grande, senão a maior amiga de minha mãe. Comove-me relembra-la, com o seu corpo frágil, a sua bondade de santa, o seu zelo pela filharada, o seu jamais mentido esforço de não faltar a ninguém. Se não havia, porventura, na casa aquilo que em certo momento se desejava, pelo menos a doçura de uma desculpa de seus lábios havia a aflo- rar, lastimando-se de não ter outra coisa que oferecer. Nunca a vi a não ser branda de modos, suave de voz, meiga de afetos. Uma ternura.

Antônio Eduardo Girão, fazendeiro, não teve em letras senão as mais indispensáveis para transmitir no papel o que queria transmitir. O curso da vida e a sua equilibrada inteligência fizeram-no um sensato e um comedido, sem impulsos irrefletidos e nem recuos de timidez.

Adiantou-se nos misteres do seu trabalho de dono de fazenda e adotou, rompendo a casca da rotina, a criação de gados nobres e métodos diferentes de extrair do pastoreio o que uma boa técnica pode proporcionar. Foi ele o incentivador, fundador e primeiro presidente da Associação dos Vaqueiros e Criadores de Morada Nova, congregando-os para que, juntos e bem orientados, se tornassem uma força, capaz de os levar aos melhores resultados da atividade pastoril.

Cidadão reto, senhor de uma sensibilidade de comunicação não comum, por duas vezes foi solicitado a dirigir, como Prefeito, os negócios político-administrativos do seu município, já antes o tendo feito como membro da Câmara de Vereadores.

O voto popular foi que o escolheu como Prefeito, pois que até então eram os chefes do executivo municipal de nomeação livre do governo do Estado. Venceu duas vezes, em 1927/28 e 1929/30, em campanhas ardorosas, nas quais, todavia, nunca perdeu, nem ao menos um instante, o aprumo e elegância cívica dos que sabem nelas compor-se como candidatos.

Como chefe de família — e que família de 19 filhos! desdobrados em 83 netos e muitos bisnetos — não falhou aos ditames da direção do lar, com a ajuda angelical de suas esposas, pois outra vez convolou a núpcias, ferido de cheio pela desgraça de ter perdido a sua Felícia, a minha tia Felícia, cuja ausência a nova companheira, a Margarida, graças a Deus soube admiravelmente preencher.

Nesta hora em que a Família Girão e a sua terra de Morada Nova recordam mais solenemente o 1.^o centenário de seu nascimento, não podíamos, os filhos, netos e bisnetos do Sousa deixar de trazer, como o fazemos com esta comovida mensagem, a nossa pronta e leal solidariedade.

Evocamos, tomados de fé, a figura altiva e amável do tio Tonho e, de envolta com essa mensagem, vem-nos o dever de chorar, saudosos, a não presença do José e do Luís, que a morte sacrificou, sem dever tê-lo feito, na plena mocidade de suas vidas esperançosas e úteis. São dois vácuos com que o destino enfraqueceu a rigidez duma família numerosa e bem formada. Um, formado em Direito, advogado, magistrado culto, configurava um corajoso, um arrojado contra os obstáculos que encontrava; o outro, comerciante, industrial, pecuarista, foi bem a expressão do homem incansável e que sabia construir sem medo nem desfalecimentos. Obs- tinados ambos em cobrir, fielmente, a risca da honradez e do dever.

Neste dia de hoje, a saudade do Tio Tonho acresce-se com a saudade do José Girão e do Luís Girão, e em nossos espíritos eles permanecem quais admiráveis exemplos e afirmação de quanto o homem, o homem que Deus criou, pode, a despeito de tudo, ser bom e merecer, quando morto, a justa veneração dos outros.

Não basta nascer homem; é necessário saber ser Homem, dignificar a qualidade de Homem. E eles souberam.

3 — EGLANTINE

EGLANTINE HERBENE FEIJÓ. O prenome composto tem em si a sonoridade de um carinho. Os da família chamavam-lhe HERBENE. Os demais a conheciam por EGLANTINE.

Vi-a pela primeira vez quando nem completara os quatro anos de idade: uma dessas crianças dotadas de graça física e gárrula vivacidade, crisálida de uma personalidade que se faria ornada dos melhores dons. Vi-a crescer assim, formar-se nas linhas da adolescência e assim modelar-se na juventude e na madureza. Porte dir-se-ia elegante, de gestos simples, envolventes. Rosto de serenidade cativante.

Fez-se moça assim, delicada de maneiras, voz amena, atitudes moderadas, sentimentos claros, a suavidade em tudo.

Vi-a estudante, meticulosa e aplicada na preparação diurna de suas lições, e vi-a nas aulas do Colégio da Imaculada Conceição, que a diplomou, em 1943, com as vitórias do professorato, atribuindo-lhe notas distintas e louvores. O Colégio da Imaculada do tempo da Irmã Simas, preceptora admirável, culta e afável, da qual Herbene era discípula amada. Compreendiam-se as duas, almas germanas de bondade, vestidas dos arminhos da candura, e ajudavam-se no entusiasmo dos pequenos casos da movimentação do educandário, cheio de questõeszinhas a resolver, de trabalhos a executar e de decisões a seguir. A harmonia de ambas — a Superiora e a Discípula querida — dava na vista e edificava as outras, mestras e alunas.

Saiu dali com a educação aprimorada, ou para dizer mais certo o Colégio acrisolou-lhe as virtudes que trouxera inerentes — a ternura, a pureza de coração, a amizade espontânea, a justa medida dos procedimentos, a carismática conquista da compreensão dos outros. Sem querer, fascinava.

Com pendores literários, passou a escrever mimosas crônicas nos jornais da cidade, escondida no pseudônimo de *Floccoeli*, e animou-se, como derivativo, a juntar peças e objetos vários, relembrações de suas viagens ou ofertas de pessoas amigas, organizados em pequeno museu que bem mostra a sua sensibilidade artística. Uma lindeza o museu de Eglantine.

Enternecedores, a sua dedicação aos irmãos que, com ela, ficaram órfãos pequeninos, e o desvelo pela tia-mãe que os criou qual verdadeira genitora, a sua *titia* — D. Adélia Feijó, guia cuidadoso de muitas gerações de meninos, que receberam dela, por meio século, as carícias e os ensinamentos e, por isso, homenageada e premiada de público como a Decana das Professoras Primárias do Ceará.

Também por algum tempo Herbene ensinou, entregue ao paciente heroísmo da formação de cabecinhas rebeldes, até moldá-las no que o Destino reservaria a cada uma.

Mais tarde, ingressou nas atividades de uma das Autarquias federais, e para aí levou todo o escrínio de espiritualidade, de exatidão funcional e o espírito de companheirismo leal e estreme. Durante vinte e dois anos, ofereceu o seu dia-a-dia, como Secretária, à administração afanosa do Hospital de Messejana, solicita sempre, imperturbavelmente pontual, altruística, vigilante até o exagero, a ponto de estafar-se, debilitado o organismo à custa de tantas canseiras.

Refeita, voltou aos expedientes noutra setor do maior dos Institutos Previdenciários do País, e não diferente a nobreza do seu comportamento nas novas funções, atraindo, sem cedo, a consideração e estima dos inúmeros colegas de trabalho. De tanto fatigar-se surpreendeu-a a morte, como se quisesse, satisfeita, subisse mais um anjo da terra para juntar-se com os anjos lá no Céu.

Deixou, nítido, o traço de uma individualidade realmente bem definida e plena de positivities. Foi, de fato, uma expressão humana de muito calor e luminosidade, forte na singeleza do seu todo de moça cristã e sadia de fé. Quem a conheceu o dirá. E eu o digo.

Completo-se na vida. Porque não basta viver aspirando o ar e vendo o sol: é preciso VIVER. Fazer da sucessão dos dias não uma soma aritmética, numa passagem inócua neste val de contrastes, e sim trazendo aos semelhantes o valioso significado das belas ações e dos belos exemplos. Viver valorizando a Vida e não apenas vegetando-a.

E ela viveu, na verdade, "honrando e enaltecendo a graça de ter nascido". Morreu Eglantine, como a rosa que tomba no chão do jardim: o seu perfume, agora, é a Saudade.

4 — PRUDENTE BRASIL

Uma das virtudes do homem é a prudência, a que Cícero chamou de ciência das coisas que se devem apeteer e das que se devem fugir. É um caminho a seguir-se em linha reta, sem maiores desvios, vencendo cada passo sem afoitezas nem desânimo. Marcha serena, firme, cuidadosa, para não ser traído pelas surpresas e obstáculos. "Mede cem vezes e conta uma só," diz um provérbio russo. Nada de descaso, nem de aventura solta. Uma cadência, uma uniformidade.

Há homens assim. Não saem do sensato e da medida, e isto lhes é um dom com que nascem e se vêm naturalmente

aperfeiçoando, ao longo da existência. Diferente dos inquietos, dos agitados, dos imprevidentes, dos desaconselhados que não medem cem vezes, nem dez, para cortar uma só.

Conheci um deles, que até desse jeito teve o nome — *Prudente do Nascimento Brasil*, filho de Joaquim Gomes Brasil e Maria Pio Machado, neto materno de José Pio Machado, de larga projeção na política da Província, deputado e presidente da Assembléia provincial em várias legislaturas, e bisneto do Comendador Machado — José Antônio Machado —, que por demorado tempo dominou como figura ímpar os meios comerciais, políticos e sociais do Ceará, cujos destinos em mais de um turno governou, na qualidade de Vice-presidente sempre reeleito. Ilustre, por muitos títulos, a família dos Machado, de origem portuguesa e por ele iniciada no Ceará.

Pelo lado paterno, pertencia à cepa dos Brasil, que se gerou, numerosa, em terras cearenses, do professor de primeiras letras, João Gomes Brasil, a que se juntaram também os Montenegro, gente de fidalguia e altos méritos nas diversas atividades do procedimento humano, aqui e fora daqui.

Conheci Prudente em 1926, ano em que me casei com a sua filha Maria (Marizot), que lhe deu, com as graças divinas, dez sadios netos e, por estes, vinte e três bisnetos. Casado, na mais saudável união conjugal, com Inês Gaspar de Oliveira, uma das santas da terra, deles vieram além de dois falecidos em tenra idade, outros dois filhos — Cléa, solteira, sempre prestimosa e de aprimorada formação católica, e Joaquim, desaparecido quando estudante, em pleno desabrochar da mocidade.

Vi-o sempre o mesmo, até falecer em 1963. Sempre muito calmo, sem pressas nem impaciências, cumprindo com a mais pura exatidão os seus deveres de pai de família e os dos cargos públicos que ocupou. Na execução destes, foi na verdade um probo, de ações justas, não faltando nunca no momento de estar presente para servir ou decidir. Delicado de maneiras, ameno nas atitudes, de voz suave e persuasiva, foi um daqueles que, como já disse alguém, nunca se arrependeram do que não disseram. Sabia até onde a sua palavra se tornava exigida e não passava dessa divisória. Viveu desta maneira oitenta e quatro anos, sem blasfêmias, sem acusar, sem conflitar-se com quem quer que fosse, antes amigo de todos, solícito para com as necessidades dos demais, tanto quanto lhe era possível fazer, na força dos seus valimentos pessoais e dos seus poucos dinheiros, pois não era um rico.

O seu mundo, o mundo da sua bondade e da sua probidade foi o então Município de Parangaba, depois de 1923 transformado em simples distrito administrativo desta Capital. Dele foi prefeito, delegado de polícia e coletor federal,

e no desempenho dessas funções mostrou, nem um só dia deixou de mostrar, que era de fato... um prudente. Agiu como “o ferreiro que a primeira coisa que faz são as tenazes, para não se queimar”. Nem se queimou, nem queimou ninguém.

Soube, com a melhor percepção, conseguir, na sua coletividade, aquilo que não é fácil — a estima de todos. Nunca se ouviu referência a qualquer inimizade sua. Nem mesmo uma gratuita, dessas que às vezes nos vêm sem conhecermos a razão.

Configurou, na sua modéstia, um reto varão, de que podem orgulhar-se os seus descendentes, os do seu parentesco colateral e os mais próximos dos seus afetos.

Hoje decorre o dia do 1.º Centenário de sua vinda ao mundo, pois nasceu, na vila em que morreu, em sua querida Parangaba, aos 25 de dezembro de 1879, o faustoso e santo Dia da Cristandade, toda a gente cristã em festas e fervorosas preces ao Grande Menino que seria o Salvador. Rendem-lhe, ao Prudente, todas as nossas homenagens de saudade e admiração pelo exemplo que nos legou, de homem que não passou pela terra senão praticando o bem e sendo correto. No seu pensamento nunca se aninhou o ódio ou simples prevenção, e de suas mãos nunca saiu senão o gesto das dádivas generosas.

5 — O BRAGA

Braga Montenegro foi-me preciosa amizade, que se acri-solou com um compadrio. Somos, Marizot e eu, os padrinhos da Maria Isaura, sua filha e um encanto de criatura. O parentesco espiritual vale como outro sangue.

Nos idos de 1932, é que começou, quando vindo ele e a sua doce Inesila, já trazendo a primogênita Maria Lídia, outro mimo de gente, precisou de minha ajuda, e eu pude ajudar. Vinha do Amazonas, sem emprego, depois de ter deixado o que exercia, o de guarda-livros, na empresa de navegação fluvial do tio Antônio Oscar.

Como tal, andava de porto em porto nos “gaiolas” da companhia dando conta exata do seu recado e lendo, lendo e lendo nos momentos vagos. Lendo e observando as coisas e peculiaridades da região imensa, o que viria servir para o lastro de seus conhecimentos e idéias deixados nos seus livros, louvados e premiados.

Dominou a leitura do inglês e do francês e isto lhe deu a chave para penetrar no âmago das literaturas inglesa, americana e francesa, que o seu grande pendor era, de fato, o

culto das Belas Letras. Fez-se acatado contista e novelista e tornou-se mestre da Crítica Literária, ramo difícil da arte de escrever, a exigir do crítico muito saber literário e muita queda para as veras e frias conclusões analíticas. Ser na verdade crítico e não simples apreciador de obras publicadas.

Sobretudo, era um bom, digo assim — um bom, a despeito do seu temperamento algo nervoso, que só doía nele mesmo, nunca ferindo os outros. Franzino de corpo, pequeno de altura, dicção irregular, tocando à tartamudez, tudo isso não seria óbice para que viesse um dia a tocar, com segurança de notas, os clarins da vitória da vida. Soube fazer amigos e admiradores, que hoje o choram, pela sua inesperada e definitiva ausência, filha do Destino duro, que o levou a morrer de repente em país longínquo, sem os olhos e o coração da família e dos que lhe queriam com a melhor das estímas.

A notícia de seu falecimento quando já se contava como certa a cura da doença que tanto o afligia, obtida numa clínica especialiizada de Buenos Aires, caiu no espírito dos que o amavam como um violento choque de eletricidade, desconcertante e dolorido.

De mim, sei quanto senti, sem poder acreditar no que me comunicavam. Relembrei a sua vida de dores, que as sofreu de muitas espécies, físicas e morais, revejo a sua lealdade e os seus afetos para comigo e os meus, e somente posso traduzir tudo nesta palavra tão amarga — a saudade dos que a gente não mais tornara a ver, a sentir, a conversar, a amar.

No túmulo está inerte o seu corpo franzino e pequeno de tamanho, mas fora dele, em nossas almas, está a sua presença tal qual. Repito — foi-me amizade preciosa, que a convivência acrisolou. Costuma-se afirmar que um amigo é um outro nós: pelo menos, é um pedaço de nós mesmos, da nossa sensibilidade afetiva. Magoa-nos se o vemos ferido ou se o perdemos.